

# Exclusivo

## ‘Dois Irmãos’

# ENTREVISTA

# COM tempos sujos O legado investigativo sobre o contemporâneo de Jérôme Bauman

**Pág. C6**  
Na celebração do centenário da Revolução Russa, o *Cultura!* recebeu, com exclusividade, a visita de um dos grandes nomes da História mundial

Pág. C4

# Harry Potter

A *Criança Amaldiçoada*,  
novo livro de J. K. Rowling  
Pág. C2

## **Lixo - Luxo**

## Há mesmo a “alta literatura” e a “baixa literatura”?

Tag. 53

# **‘Cavaleiro Negro’**

## Lançamento do primeiro livro solo de Davi Paiva

Pág. C3

1

## Literatura

Alguns comentários  
sem *spoilers* sobre o novo  
livro de J. K. Rowling

# HARRY POTTER E A PEÇA QUE TODO MUNDO ESPERA

BRUNO ANSELMI MATANGRANO

**C**omo fã confesso e orgulhoso da obra de J. K. Rowling, obviamente foi com alegria, mas também com certa desconfiança, que recebi a notícia da publicação da peça *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*. Obviamente, adoraria revisitar aquele mundo que por tantos anos foi (e continua sendo) tão importante para mim e para toda minha geração (muita gente, como eu, fez Letras, começou a ler e a escrever por causa de *Harry Potter*...). No entanto, com a novidade, sempre vem aquele receio de se *estragar* algo que terminou tão bem, sobretudo, pelo fato de a peça não ser *exatamente* de autoria de Rowling. Seu autor é o dramaturgo inglês Jack Thorne, em colaboração com o premiado diretor John Tiffany, a partir de uma história original de Rowling. Todos estes dados, mencionados na ficha técnica da versão livro da peça, justificavam a ligação da autora com a peça, mas deixam claro que sua participação não é direta, ainda que tenha acompanhado todo o processo, como

Rowling faz questão de deixar claro via sua conta de Twitter.

A peça estreou em Londres, em julho de 2016, e recebeu aclamação do público e da crítica, tendo vencido oito categorias em um importante prêmio de teatro, o que tornou a curiosidade em torno da versão impressa (para nós, pobres mortais, que não a pudemos ver ao vivo e a cores na terra da Rainha) ainda maior. No Brasil, a editora Rocco a publicou não muito tempo depois, no propício 31 de outubro, do mesmo ano. Ouvi muitas críticas, algumas bem pesadas e nem sempre fundamentadas (os fãs brasileiros, não importa do quê, parecem serem sempre mais radicais do que outros); mas também li/ouvi elogios, alguns evidentemente passionais, de quem ama sem restrições.

Hesitei, hesitei, mas finalmente criei coragem de ler a peça.

E a conclusão a que cheguei pode parecer piegas, mas é preciso dizê-la: é uma bela história, antes de tudo, na qual o leitor é levado de volta ao mundo de Harry,

revisitando praticamente todas as cenas marcantes dos livros anteriores, em uma viagem nostálgica, que, no entanto, não vive apenas de nostalgia. Ainda assim, entendi todas as críticas que li e ouvi. (Prometo falar tudo de forma vaga, para evitar *spoilers*).

De fato, a peça poderia ter acabado antes do fim, quando o primeiro problema de verdade se encerra e o encanto pelo retorno ainda não foi maculado pelo exagero. Não vejo necessidade do *shipper* (isto é, o relacionamento entre dois personagens) mais mirabolante e tosco imaginável (mas que muito fã adora), e tampouco vejo o motivo de criar um *deus ex machina* forçado para resolver um problema que não precisa existir (afinal a peça deveria ter acabado antes), de um modo superclichê. Mas, apesar destes dois problemas (que tiram um pouco da força do finalzinho do livro, que, ainda assim, não se deixa estragar por trazer uma linda cena com os pais de Harry), ainda continua sendo um livro muito bonito, com personagens fortes, críveis e

consistentes com os sete livros originais.

O destaque fica para os Malfoy, pai e filho, Draco e Scorpion, que mostram a profundidade por trás dos estereótipos. Já o

próprio Harry, em contraste com seu filho Alvo, é mostrado por outro viés, sem a oussadia da juventude e a suposta perfeição que o fã nostálgico costuma lhe atribuir. Em *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*, vemos um Harry mais humano, mais frágil, que não sabe como agir para salvar sua relação com um filho cuja essência lhe escapa por fugir à obviedade. Rony e Hermione, por sua vez, reprimam seus papéis: ela, no alto de sua inteligência, ele de seu modesto lugar de amigo fiel. Gina é uma surpresa à parte, adquirindo uma importância maior do que na série original, mesmo sendo relegada a poucas cenas. Fora isso, a trama se completa com a participação especial de figuras muito queridas, como a Professora McGonagall, o centauro Agouro, o Chapéu Seletor e o conturbado Professor Snape, bem como de outras nem tão queridas assim, como a detestável Dolores Umbridge.

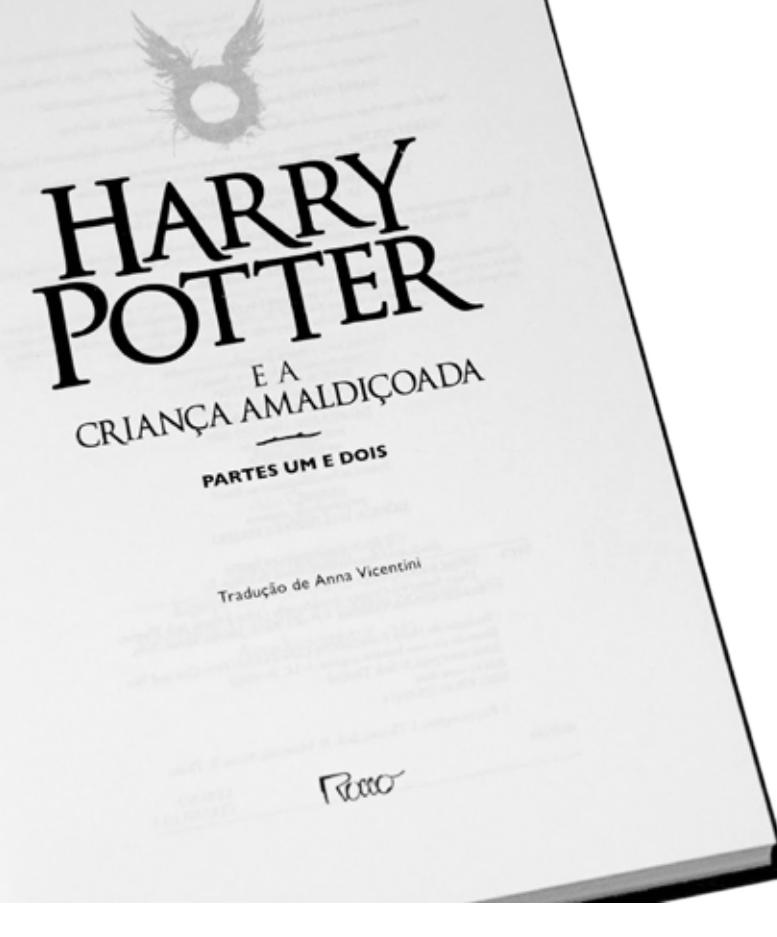
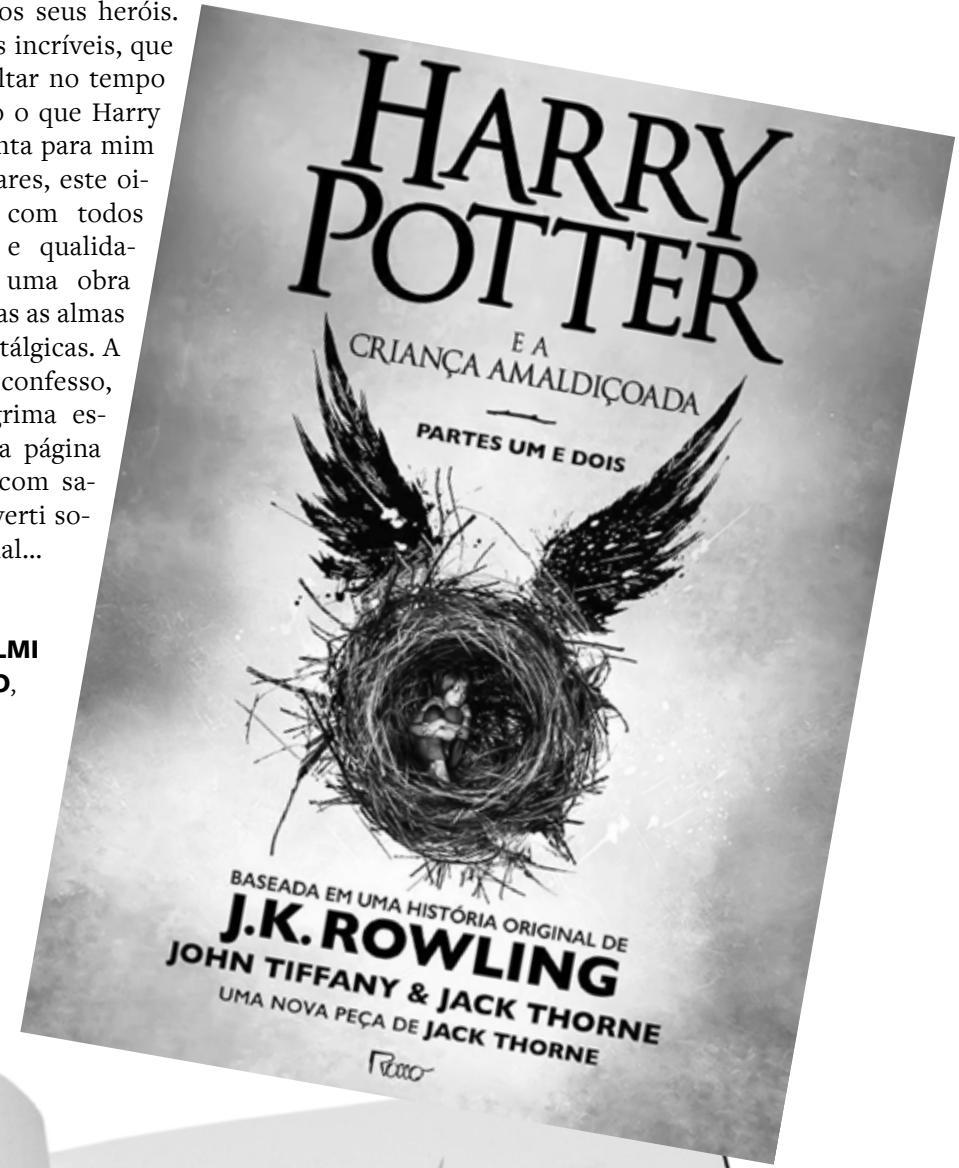
Em suma, o livro é, antes e acima de tudo, uma homenagem à saga... Um presente aos fãs saudosos, como eu, com dificuldades, mesmo após dez longos anos,

de dizer fim aos seus heróis. Com passagens incríveis, que me fizeram voltar no tempo e lembrar tudo o que Harry Potter representa para mim e para meus pares, este oitavo volume, com todos seus defeitos e qualidades, torna-se uma obra essencial a todas as almas sensíveis e nostálgicas. A este respeito, confesso, a primeira lágrima escorre ao ler a página 20. A última, com sabor de adeus, verti sobre a página final...

\*

**BRUNO ANSELMI  
MATANGRANO,**

TRADUTOR  
E AUTOR DE  
DIVERSOS  
CONTOS E  
ARTIGOS, É  
MESTRE E  
DOUTORANDO  
EM LETRAS  
PELA USP



Tradução de Anna Vicentini

Rocco

**De volta.**  
O maestro

Jamil Maluf  
(à esq.) e  
o diretor

Cleber Papa



## Suplemento

MÚSICA

### Cleber Papa é novo diretor do Teatro Municipal de São Paulo

**D**eis concertos sinfônicos, nos últimos dias 18 e 19, abriram a temporada 2017 do Teatro Municipal de São Paulo, agora sob o comando do diretor artístico Cleber Papa, que declarou que o objetivo é fortalecer a imagem do Municipal como o principal palco da cidade, mas tam-

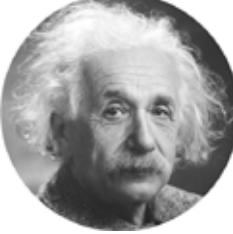
bém propiciando apresentações dos corpos estáveis em centros de cultura e teatros de bairro. "Precisamos ter em mente que o Municipal é um organismo vivo. Ninguém aplaude um prédio. Isso significa a valorização do artista da casa e sua inserção na comunidade de outra forma. O Municipal, assim, se revela para a cidade, cuja imagem acaba se fortalecendo", disse o diretor.

A trajetória de Papa está ligada especialmente à ópera: criou o Festival Amazonas de Ópera, em Manaus, o Festival do Teatro da Paz, em Belém, tendo trabalhado,

nos últimos anos, no projeto Ópera Curta, de circulação de produções pelo interior do Estado.

O diretor também informou estar planejada a montagem de um corpo estável de solistas, sob responsabilidade do maestro Mário Zaccaro. Outra providência de Papa foi trazer de volta ao teatro o maestro Jamil Maluf, que reassume a Orquestra Experimental de Repertório. (COM INFORMAÇÕES DE 'O ESTADO DE S. PAULO')

# Palavra



"A imaginação é mais importante que o conhecimento."

**ALBERT EINSTEIN**

NASCIDO EM ULM, ALEMANHA, EM 1879, O AUTOR DA TEORIA DA RELATIVIDADE E NOBEL DE FÍSICA EM 1921 MORREU EM PRINCETON, ESTADOS UNIDOS, EM 1955.

*A. Einstein*



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

**EXPEDIENTE**  
EDITOR: O. A. SECATTO  
COLABORADORES: GIL PIVA,  
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E  
JACQUELINE PAGGIORO

DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO



## Capa

‘O capitalismo, como modelo econômico, ideologia, é um retumbante fracasso. Gerou miséria, duas guerras mundiais, exclusão e conflitos planetários que se arrastam até hoje. De erros, creio, os capitalistas entendem mais do que nós.’



ZÉRENATO

**O**frio estava insuportável. Doíam-me os ossos. A *vodka* auxiliava suportá-lo.

Aguardava em meio à multidão. O comício iniciar-se-ia em breve.

Trótski já estava posicionado à esquerda do palanque, estrategicamente, para garantir a integridade do líder dos bolcheviques. Lênin começou a discursar. Falava da necessidade da adesão de policiais e militares à causa, na medida em que eram trabalhadores como os demais.

O czar fora derrubado por Kerénski. O passo seguinte era depô-lo, para o triunfo da Revolução Russa.

Aconteceu.

Dias depois fui recebido em audiência pelo novo líder da Revolução, o advogado Vladimir Ílich Uliánov, conhecido como Lênin.

Como estivesse montado no hipóptamo de Brás Cubas, corri um séc. Foi quando Lênin concedeu-me entrevista, a fim de celebrar, agora, o centenário da Revolução.

A seguir, passo a reproduzir a conversa, realizada em meio a boas doses de *vodka*, uma música erudita de Prokófiev ao fundo.

— Camarada Lênin, como avalia a Revolução após um séc.?

— Começou com a pergunta mais difícil, camarada. No entanto, entendo que foi um processo natural e necessário para o amadurecimento do socialismo, como projeto, como ideologia e, acima de tudo, como crítica ao capitalismo.

— Camarada Lênin, a Revolução, historicamente, demonstrou muitos problemas, no tocante à qualidade de vida e à garantia de liberdade.

— Camarada, entenda que a fizemos em meio a inimigos internos e externos,

## LÊNIN: CEM ANOS DEPOIS

com um inverno rigoroso, como pode sentir. Acrescente-se o fato de sairmos derrotados e humilhados da Primeira Guerra Mundial. Tínhamos coragem e ideologia para efetuá-la.

— Concordo inteiramente. Todavia, após seu colapso pessoal, no momento que se aguardava sua sucessão feita por Trótski, veio Stálin...

— É verdade, o assassino sanguinário, psico e sociopata, tomou o poder em meio a um golpe. Exilou, perseguiu e assassinou Trótski e os principais líderes e intelectuais da Revolução, tanto os leninistas, quanto os trotskistas.

Fechou o país para o mundo. Transformou-o numa ditadura feroz com o rótulo de socialista. Propagandeou o regime por meio da Educação, do Esporte e da indústria bélica. Era apenas um invólucro falso, uma estampa mentirosa.

— Lênin, permita-me: se os Estados Unidos tivessem aceitado o plano do General Patton...

— É verdade, a História seria outra. Não teríamos condições de enfrentá-los.

— Camarada Lênin, por favor, quero mudar um pouco o rumo da conversa. Li recentemente que o Fórum de Davos, na Suíça, neste ano, discute o capitalismo, no sentido de repensá-lo — perdoe-me a hipérbole —, humanitariamente, ou seja: qualidade de vida, exclusão, potenciali-

zação absurda da miséria. Isto é, em alguma medida os próprios capitalistas estão a pensar acerca do monstro que gestaram. O que pensa a respeito?

— Obrigado pela oportunidade. Ainda que muitos propalem o “fracasso” do socialismo e da Revolução, é importante salientar que o capitalismo, como modelo econômico, ideologia, é um retumbante fracasso. Gerou miséria, duas guerras mundiais, exclusão e conflitos planetários que se arrastam até hoje, sem vias de solução. De erros, creio, os capitalistas entendem mais do que nós.

— Concordo, Lênin. Entretanto, como avalia as críticas ao socialismo?

— Camarada, veja Gorbachev. Quando assumiu, realizou uma faxina ideológica, política, econômica e cultural. Tinha a melhor das intenções. Finalmente colocar a Revolução nos trilhos. Ao combater a burocracia corrupta e parasitária do Partido, foi deposto pelos calhordas. O resultado: perderam-se todas as conquistas da Revolução. Hoje a Rússia, antiga URSS, é um país que apresenta todos os problemas dos países vitimados pelo capitalismo. Em tempo: saliente que não significa o malogro do marxismo. Que, enquanto método de análise da realidade, continua eficientíssimo. Com ajustes contemporâneos, quero dizer, sem ignorar qualidade de vida e acima de tudo liberdade de

**‘Saliento que não significa o malogro do marxismo, que, enquanto método de análise da realidade, continua eficientíssimo’**

expressão, resguarda a preocupação ética com o humano. Mantém o Humanismo fundamental à vida!

— Concordo novamente.

— Permita-me chamar a atenção para outro problema. Verifique a derrocada da chamada política neoliberal. Com a economia atrelada à fibra óptica e às bolsas de valores, o capitalismo deixou de ser produtivo. Tornou-se especulativo. Além do desemprego, da explosão da miséria, da exclusão planetária já citada, lembro-lhe a degradação ambiental, o esgotamento dos recursos naturais.

— Camarada Lênin, devo acrescentar: o uso da energia nuclear para fins bélicos é uma ameaça permanente.

— Camarada, adicione um novo drama: a exacerbada fundamentalização.

— A anarquia não seria, então, a melhor saída?

— Camarada, você me deixa numa situação desconfortável. Minha vida foi calcada na defesa do socialismo. Quero crer que, numa versão humanizada, uma espécie de atualização do marxismo ainda seja viável.

— Camarada Lênin, num ponto concordamos: esse maldito capitalismo não é possível!

— É verdade, camarada! — Houve uma pausa. Lênin retomou. — Perdoe-me, estou a receber chamados para retornar aos Céus.

— Lênin, é surpreendente ouvi-lo profír raias palavras. Você está no Céu?

— Camarada Nietzsche já conversou com você. Sei, é seu papel perguntar. Toda via, não estamos autorizados a falar sobre o além. *Do odnogo dnya!*

— Até um dia, camarada Lênin.

A janela da biblioteca estava aberta quando adormeci. A névoa úmida e gélida da madrugada, somadas às doses adicionais de *vodka*, fizeram-me acordar com um pouco de frio, muita ressaca e pensativo: será que o camarada Lênin tem razão? *Zdravstvuyte!*